

Fernando Pinto Ribeiro

Orientador:  
Prof. Dr. Elson Manoel  
Pereira



*NEW URBANISM e SUA  
INFLUÊNCIA NO BRASIL: O  
CASO DA “CIDADE  
UNIVERSITÁRIA PEDRA  
BRANCA” EM PALHOÇA, SC*

## RESUMO

Este artigo analisa o *new urbanism*, modelo urbanístico surgido nos Estados Unidos, e sua utilização no empreendimento Pedra Branca em Palhoça, Santa Catarina. Na década de 1980, o *new urbanism* emerge resgatando conceitos de correntes urbanísticas como o movimento *city beautiful* e as chamadas *garden cities*. Como um desdobramento do *smart growth*, reage ao modelo de crescimento dos subúrbios americanos, reforçando a importância de cidades menores e densas, onde a mobilidade urbana seja realizada a pé e por bicicleta, induzindo ao mínimo o uso do automóvel. Após 25 anos de existência naquele país, esse modelo passa a ser utilizado no Pedra Branca como norteador dos planos de edificação do setor central do empreendimento. Essa intervenção realizada em Palhoça tem adquirido alguns sinais de destaque, uma vez que a grandeza do investimento e do projeto atrai o interesse do poder público local e de empresas importantes que buscam investir no empreendimento. Em adição, o mesmo projeto foi premiado em importante evento de arquitetura internacional, o que intensifica as esperanças da classe empresarial local. O setor central será erigido com base em dez princípios do *new urbanism*, abrangendo, por exemplo, variedade de moradias, áreas verdes, quadras pequenas, prédios verdes, uso misto, etc. Embora se utilize desses instrumentos, o projeto elucida uma relação conflitante encontrada nos objetivos dos empreendedores e do movimento. Isso significa que o *new urbanism* passa a agregar, antes de projeto urbanístico, um projeto empresarial, funcionando como instrumento que trará uma distinção em relação a outros empreendimentos desse porte. Dessa finalidade provém a inadvertida promoção do título de cidade sustentável, elucidando um entendimento conflituoso e reducionista do *new urbanism* por parte dos empreendedores.

## PALAVRAS-CHAVE

*New urbanism*, palhoça, empreendimento, urbanismo, cidade, projeto.

(1) Este texto retoma um tema abordado de forma breve na tese doutoral do autor, intitulada *Arquitetura moderna brasileira em Porto Alegre: Sob o mito do gênio artístico nacional*, defendida no Programa de Pesquisa e Pós-Graduação em Arquitetura (PROPAR-UFRGS) em 2004.

EL *NEW URBANISM* Y SU INFLUENCIA  
EN BRASIL: EL CASO DE LA “CIUDAD  
UNIVERSITARIA PEDRA BRANCA”, EN  
PALHOÇA, SANTA CATARINA

RESUMEN

Este artículo analiza el *new urbanism*, modelo urbano que ha surgido en Estados Unidos, y su utilización en el emprendimiento Pedra Branca, en la ciudad de Palhoça, Santa Catarina. En los años 80, emerge el *new urbanism*, el que rescata conceptos de corrientes urbanísticas como el movimiento *City beautiful* y lo que se llamó *ciudades jardines*. Como un desdoblamiento del *smart growth*, reacciona al modelo de crecimiento de los suburbios norteamericanos y refuerza la importancia de ciudades más pequeñas y menos densas, donde la movilidad urbana se realiza a pie y en bicicleta, conllevando a un mínimo el uso de automóviles. Después de 25 años de existencia en Estados Unidos, ese modelo fue utilizado en el Pedra Branca, como orientador de los planes de construcción del sector central del emprendimiento. Esa intervención realizada en Palhoça ha cobrado algunos signos de distinción, ya que la magnitud de la inversión y del proyecto atrae el interés de los gobiernos locales y de grandes empresas, que buscan invertir en el emprendimiento. Además, el mismo proyecto ha recibido un premio en un importante evento internacional de arquitectura, lo que ha intensificado las esperanzas de la clase empresarial local. El sector central será construido con base en diez principios del *new urbanism*, los que abarcan, por ejemplo, la variedad de viviendas, zonas verdes, cuadras pequeñas, los edificios verdes, uso mixto, etc. Aunque utilice estos instrumentos, el proyecto evidencia una relación contradictoria entre los objetivos de los empresarios y el movimiento. Esto significa que el *new urbanism* empieza a agregar, más que a un proyecto urbanístico, un proyecto empresarial, fungiendo como un instrumento que hará la distinción en relación a otros emprendimientos de la misma magnitud. Esta la finalidad de la inadvertida promoción del título de ciudad sostenible, el que demuestra una comprensión problemática y reduccionista del *new urbanism* por parte de los emprendedores.

PALABRAS CLAVE

*New urbanism*, palhoça, emprendimiento, urbanismo, ciudad, proyecto.

NEW URBANISM AND ITS INFLUENCE IN  
BRAZIL: A CASE STUDY ABOUT THE “CIDADE  
UNIVERSITÁRIA PEDRA BRANCA” IN  
PALHOÇA, SANTA CATARINA

ABSTRACT

This article examines new urbanism, an urbanistic model that emerged in the United States, and its use in the Pedra Branca project, located in Palhoça, Santa Catarina. In the 1980s, new urbanism arose from urban-stream concepts such as the city beautiful movement and garden cities. As an offshoot of smart growth, new urbanism reacted against the american suburban growth pattern to stress the importance of dense, small towns, where urban dwellers could move about on foot or by bicycle, and the use of cars might be restricted. After 25 years in the United States, this model will be used in Pedra Branca, to guide that project's main sector. The Pedra Branca project has attracted widespread interest because of the size of the investment, and the project has also captured the interest of local government and large companies looking for investment opportunities. Additionally, Pedra Branca won a major international architectural award, which has further raised the hopes of local businesses. The central sector will be built based on 10 new urbanism principles, such as a variety of homes, green areas, small blocks, green buildings and mixed use areas. In spite of this, the project reveals a conflicting relationship between the entrepreneurs' and the movement's goals, meaning that new urbanism has become a business project rather than an urban-design project, and that new urbanism is being used to set this aside from other projects. This has caused Pedra Branca to be promoted as a sustainable city, leading to an oversimplified and conflicting understanding of new urbanism.

KEY WORDS

New urbanism, Palhoça, entrepreneurs, urbanism, town, design.

## INTRODUÇÃO

(1) Optamos, neste trabalho, por priorizar o termo em inglês, especialmente pela origem norte-americana do modelo. Entretanto, a nomenclatura utilizada no loteamento Pedra Branca prioriza o termo em português.

Este artigo apresenta as principais reflexões originadas de uma pesquisa realizada em nível de mestrado, tendo como foco principal o estudo sobre o novo urbanismo americano<sup>1</sup> e sua utilização no empreendimento Cidade Universitária Pedra Branca em Palhoça, no estado de Santa Catarina. O *new urbanism* se constitui como um modelo urbanístico difundido desde a década de 1980 nos Estados Unidos, utilizado em projetos de requalificação de bairros, ruas, quarteirões, cidades e até regiões, tendo, nas figuras de Andres Duany, Elizabeth Plater Zyberk e Peter Calthorpe seus maiores difusores (TAHCHIEVA, 2005). Sua aplicação no Brasil faz parte de um importante processo de reconfiguração urbana da região metropolitana de Florianópolis a partir da “Cidade Pedra Branca”, uma intervenção de grandes dimensões situada nos arredores da capital catarinense (localizada no município de Palhoça, à sudoeste da ilha de Santa Catarina), pois abrange uma área de, aproximadamente, 1.500.000 m<sup>2</sup>, onde se estruturam zonas de usos residencial, comercial, industrial e lazer.

O projeto atual da administração concentra-se na futura edificação de um setor central dentro do empreendimento, idealizado nos princípios do *new urbanism*. Para os empreendedores, esse modelo não só embasaria a construção do setor central, como também responderia às perspectivas de auto-suficiência do loteamento. Ao constituí-lo, a administração visualiza erigir a área que trará centralidade e urbanidade a um conjunto de áreas residenciais, a fim de polarizarem-se os encontros, fomentar a integração dos moradores e, principalmente, fazer com que se estruture uma célula independente dentro de Palhoça com relação à moradia, trabalho e lazer. A justaposição entre as áreas já construídas (como as áreas residenciais, industriais, de lazer e institucionais), associadas aos projetos em construção (como o setor central e outras áreas comerciais), tende a consolidar um amplo projeto urbanístico e empresarial para os próximos anos. Desde 2004, o projeto do setor central tem fomentado uma intensa discussão sobre as perspectivas futuras do município de Palhoça, visto que, tanto os empresários quanto políticos da região prevêem um verdadeiro incremento na receita municipal, a valorização da terra e a atração de novos moradores e investimentos para a cidade. O empreendimento Pedra Branca já

(2) Como exposto por Kohlsdorf, ao *progressismo* ou *racionalismo* implicava a adequação da cidade à nova fase de progresso e modernização, abrindo caminho para uma onda de otimismo com os avanços tecnológicos e econômicos. Tais avanços pautados no aval científico e acadêmico seriam responsáveis por uma futura superação das contradições urbanas, na qual logo a humanidade encontraria seu caminho de harmonia e qualidade de vida. Por outro lado, aos *culturalistas* tal período expressou a perda dos valores tradicionais das cidades antigas, e, em contraposição, acreditavam que a nova fase representava a degeneração da qualidade urbana. A definição primaz da corrente culturalista é a nostalgia ao passado, de maneira a resgatar os padrões socioculturais das cidades pré-revolução industrial.

abriga algumas indústrias de tecnologia de grande porte e algumas áreas comerciais e educacionais importantes, como a UNISUL (Universidade do Sul de Santa Catarina), e já foi palco de eventos de caráter nacional, como o troféu de natação José Finkel. Tal efervescência se intensificou a partir da premiação dada ao projeto na XI Bienal de Arquitetura Moderna de Buenos Aires e em sua indicação como um dos finalistas do prêmio de sustentabilidade urbana da Urban Land Institute (ULI) de Londres. Diante disso, existe uma grande expectativa por parte dos investidores em relação ao *new urbanism* e ao setor central.

As principais questões de partida e reflexão do problema de pesquisa consideraram a matriz teórica e metodológica do *new urbanism* e as ações e processos ligados à sua transferência para o empreendimento. Nesse sentido, o objetivo deste artigo é, fundamentalmente, aprofundar o entendimento sobre o *new urbanism* e sua utilização no Pedra Branca, com vistas a elucidar algumas limitações que se revelam na relação entre os seus princípios e o que está se processando na realidade de Palhoça. Isso significa conhecer o modo com que os mesmos têm se apropriado desses princípios e quais objetivos buscam alcançar com sua implementação.

## UM OLHAR SOBRE O *NEW URBANISM*

Esse modelo tem sido descrito como o mais influente movimento em arquitetura e planejamento urbano nos Estados Unidos desde o movimento modernista. Muschamp (1996) o descreveu como um dos mais importantes fenômenos urbanísticos que emergiram desde a década de 1980, e, atualmente, embasa inúmeras intervenções naquele país e em outros pelo mundo. Embora possamos considerar o grau de exagero atrelado nessas assertivas, provenientes, especialmente, de quem o promove, é fato que o *new urbanism* vem ganhando espaço na academia e no campo profissional. Inclusive no caso tratado neste trabalho, sua aplicação no empreendimento Pedra Branca não deixa de ser um forte indicativo de como esse movimento vem adquirindo amplitude.

Quais são suas características principais?

Essencialmente, o movimento implica um pensamento contrário, em reação à tendência de descentralização das metrópoles nos Estados Unidos. Essa reação expressa outra estruturação de cidade, pautada, essencialmente, na priorização do homem em oposição ao carro, na utilização de usos mistos em detrimento da separação de funções, na densificação das atividades e das formas urbanas e no predomínio do público sobre o privado. Mediante uma cidade mais compacta e mista, os projetos almejam diminuir os gastos de energia despendidos na mobilidade urbana, favorecendo os encontros de pessoas e o chamado senso de comunidade. Esses aspectos reaparecem no *new urbanism* como forma de contrapor, na esfera dos planos e projetos, ao modelo de desenvolvimento horizontal dos subúrbios.

Ao observarmos as duas matrizes principais do pensamento urbanístico<sup>2</sup>, em especial ao culturalismo, veremos que o modelo proposto pelo *new urbanism* reúne pressupostos baseados em conceitos históricos e tradicionais, principalmente no que diz respeito à edificação de espaços fechados, com vias estreitas e movimentadas, típicas do urbano pré-industrial. Contudo, tampouco

ignora a matriz racionalista, pois é sobre bases técnico-científicas que estrutura suas intervenções, como poderá ser verificado na forte preocupação com o desenho urbano, em suas mais detalhadas nuances.

Em adição, aproxima-se do princípio das cidades-jardins, projetando bairros com centros e limites bem definidos, similares às células urbanas e rurais de Howard. O conceito de cidades-jardins representa uma referência histórica importante no que tange ao *new urbanism*, ao levar para os projetos a preocupação em manter, ao redor da cidade, um amplo cinturão verde e os desígnios da vida campestre. Os modelos urbanos orientados pelo movimento *city beautiful*, de relação tênue entre planejamento e arquitetura, sobretudo a clássica, e sua concepção de projetos monumentais, retornam parcialmente com o *new urbanism*, ao se considerar a importância atribuída aos edifícios na construção de uma identidade local e de um contexto urbano de diversidade e acessibilidade. É por intermédio do *new urbanism* que o postulado de Daniel Burnham retorna com intensidade.

É curioso constatar que, assim como se tornam referências projetuais do *new urbanism*, o *city beautiful* e a cidades-jardins foram avidamente confrontadas por Jane Jacobs (1961) em sua crítica realizada às principais matrizes urbanísticas norte-americanas. Nela Jacobs confronta as diferentes correntes, argumentando que as mesmas inviabilizariam, no plano do projeto, a promoção da diversidade urbana, enquanto objetivo primaz do planejamento. Contraditoriamente, o *new urbanism* visa, justamente, alcançar essa diversidade por meio de premissas deixadas por aquelas correntes tão criticadas por Jacobs, o que aponta para a idéia de Talen (2003) sobre seu aspecto aglutinador de diferentes idéias. Isso significa que, na visão de Talen, o *new urbanism* é o elo de conexão na relação conflituosa entre as distintas correntes urbanísticas nos Estados Unidos<sup>3</sup>:

*“Alguns prezam por novas cidades e comunidades planejadas na periferia. Uns focam em mudanças pequenas, outros em grandes, e outros prezam por planos de longo prazo e de curto prazo. Alguns se atentam por tudo isso. Ao observar no último século e meio as diferentes idéias, ações e planos sobre como construir um melhor local de vivência para os seres humanos, considero se é possível agregá-las em algo que podemos denominar de american urbanism, neste momento organizado como new urbanism<sup>4</sup>.”*

Para Galina Tahchieva, diretora de planejamento urbano do Escritório Duany Plater Zyberk & Company<sup>5</sup>, o *new urbanism* não inventou idéias, e sim observou exemplos anteriores, fundando-se no empírico. Uma questão articulada a esse resgate de princípios tradicionais encontra-se na definição do novo, enquanto adjetivo que intitula a matriz. Por que *“new” urbanism?*

Segundo Macedo (2007), a novidade reside no estabelecimento de princípios que relacionam o espaço regional ao local pelo sistema de transportes. Vale ressaltar que as aplicações abrangem diferentes escalas de intervenção, desde regiões até edifícios, e é na primeira que se identifica uma atitude efetivamente nova. Isso pode ser verificado em projetos que procuram centralizar as atividades diárias na escala do bairro, inviabilizando os fluxos de grandes

(3) TALEN, Emily. *Urbanism in America: Ideals, connections and conflicts*. Chicago: University of Illinois, Urbana-Champaign, 2003, p. 11, tradução nossa.

(4) *“Some calls for new towns and planned communities at the periphery. Some push for small changes, some for big changes, some for long-term comprehensive plans and some for short-term master plans. Some want all of these things. Looking back over the past century and a half of ideas, plans and actions about how to build a better human settlement, I attempt to gauge whether it is possible that these could be fit together into something we might call american urbanism, now organized as new urbanism.”*

(5) O DPZ (Duany Plater Zyberk & Company) pertence aos dois principais fundadores do *new urbanism*, Andrés Duany e Elizabeth Plater Zyberk. Situado em Miami, na Flórida, esse escritório é responsável por inúmeras intervenções pelos Estados Unidos e outros países, tendo também participação na projeção do bairro central do Empreendimento Pedra Branca.

distâncias. O desenvolvimento regional é definido por uma dinâmica urbana restrita a essas centralidades de bairro e seus limites, induzindo ao mínimo os fluxos cotidianos longos.

Em adição, essa estrutura passa a priorizar a diminuição da densificação a partir do afastamento dos centros de bairros. Tahchieva atesta que essa estrutura vai ao encontro de uma teoria de transição – a continuidade entre a cidade e a natureza. A região tende a ser planejada mediante o predomínio de áreas verdes circunscritas aos adensamentos de bairro e, tanto este quanto aquela pressupõe a delimitação de limites bem definidos. Vale dizer que tal estrutura, denominada de *transect*, aponta para uma nova significação na relação entre o espaço urbano e aquele de entorno, justificando também o “*new*” da nomenclatura do modelo.

### A GÊNESE DO MOVIMENTO E A DIFUSÃO DO *TRADITIONAL NEIGHBORHOOD DEVELOPMENT (TND)*

A proposta desse modelo completa quase 30 anos, desde a inauguração do balneário de Seaside, na Flórida. Essa cidade e outros empreendimentos erigidos durante a década de 1980 surgem da convergência de idéias que permeavam o campo de pensamento urbanístico naquela década, caracterizadas pelo reflorescimento de princípios virtualmente ignorados durante meio século: a rua, a quadra, os parques e os espaços públicos devem conduzir a vida cotidiana; os bairros precisam acomodar diversos tipos de pessoas e atividades; assim como se deve induzir ao máximo a realização das atividades diárias em distâncias relativamente curtas (BRESSI, 1994). Antes de estruturar-se como um movimento unificado de arquitetos e planejadores, o ideário incorporado atualmente pelo *new urbanism* apontou para aplicações independentes, atreladas a projetos específicos de renovação urbana, inspirados em perspectivas relacionadas ao chamado

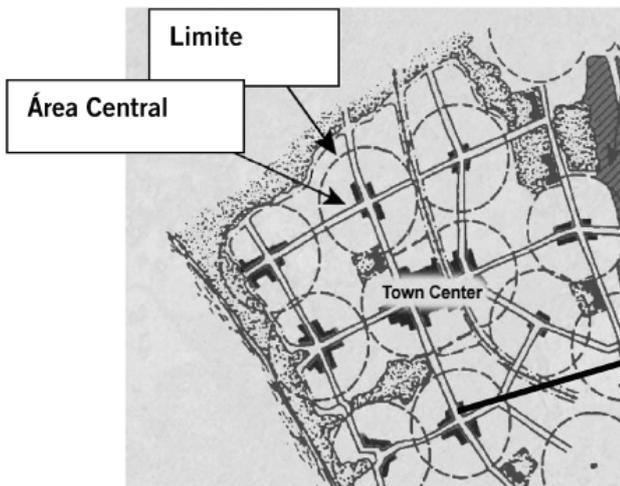


Figura 1: Cidade e bairros

Fontes: *Congress of new urbanism*. Disponível em: [www.cnu.org](http://www.cnu.org). Acesso em: 05 jul. 2010

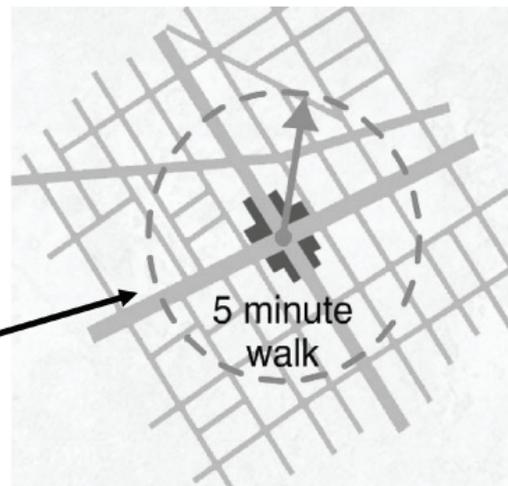


Figura 2: O centro e o limite do bairro

Fontes: *Congress of new urbanism*. Disponível em: [www.cnu.org](http://www.cnu.org). Acesso em: 05 jul. 2010

(6) Documento elaborado anos depois, em 1996. Essa carta passou a orientar os projetos do *new urbanism* na última década.

(7) Segundo Pereira (2003, p. 8), o conceito de urbanidade se refere a um alto índice de interações sociais em determinado espaço urbano, exercida de maneira contínua no tempo.

(8) DUANY, Andrés; ZYBERK, Elizabeth Plater. The neighborhood, the district and the corridor. In: *The new urbanism – Toward an architecture of community*. Nova York: McGraw Hill Inc, 1994, p. xvii, tradução nossa.

(9) “The Center [...] may be a square, a green or an important street intersection.”

(10) Do ponto de vista da geografia, o lugar diz respeito à dimensão da existência, pois se refere a um tratamento geográfico do mundo vivido. De acordo com Suertegaray (2001), o lugar se assume, de uma lado, a partir de visões subjetivas vinculadas a percepções emotivas, em sentimentos topofílicos ou topofóbicos. De outro lado, o lugar se expressa por intermédio de necessidades existenciais, quais sejam: localização, posição, mobilidade, interação com os objetos e/ou com as pessoas.

(11) De acordo com o Inmetro, 1 acre equivale a 4.046 m<sup>2</sup>.

(12) Ibid, 1994, p. xviii.

(13) Ibid, 1994, p. xviii, tradução nossa.

planejamento inteligente ou *smart growth*. É sob a crítica anti-subúrbio que o *smarth growth* se difunde pelos Estados Unidos, aparecendo como uma nova tendência em planejamento urbano. A partir daí, muitos projetos passavam a levar em consideração a importância das comunidades tradicionais, o que expressa o retorno das cidades pequenas, densas e compactas.

Os arquitetos tidos como fundadores e idealizadores dos primeiros projetos foram Andrés Duany e Elizabeth Plater Zyberk, responsáveis pela edificação de Seaside em 1981. Durante os anos seguintes, Duany e Zyberk difundiram os projetos de desenvolvimento de comunidade tradicionais, os chamados TND's (Traditional Neighborhood Development), enquanto empreendimentos típicos do *new urbanism*. Atualmente, grande parte das obras nos Estados Unidos se constituem em TND's, embora o movimento tenha se difundido para uma gama muito maior de profissionais, orientados pela *new urbanism chart*<sup>6</sup>.

Um TND é a essência do *new urbanism*. O surgimento deste não passa de um desdobramento de projetos voltados para a construção de comunidades tradicionais. Como Duany e Zyberk projetaram essas comunidades?

O padrão geral de um TND é estruturado nas escalas da cidade, do bairro, da rua, da quadra e até de prédios. Essas são unidades básicas de planejamento de um TND, e foram por elas que se deram as primeiras aplicações do *new urbanism*. Um componente fundamental aplicado ao TND supõe que bairros e cidades possuam uma centralidade e um limite bem definido. O centro de bairro deve abrigar locais de encontro, áreas públicas, edifícios institucionais, locais de trabalho, lojas, parques e outros equipamentos que favoreçam o senso de urbanidade<sup>7</sup>. De acordo com Duany e Zyberk<sup>8</sup>, “o centro pode ser um parque, uma praça ou uma importante intersecção viária”<sup>9</sup>. Já os limites definem a identidade do lugar<sup>10</sup>, favorecendo o senso de pertencimento dos moradores de uma determinada comunidade. Os mesmos podem ser definidos pelos aspectos naturais, como áreas florestais e rios, ou artificiais, como determinados tipos de infra-estrutura, dependendo das particularidades que envolvem a localidade. Em cidades menores ou pouco densas, as áreas limítrofes de cada bairro são usualmente designadas para o desenvolvimento de atividades agrícolas ou de conservação, com lotes residenciais de baixa densidade de, no mínimo, 10 acres<sup>11</sup>. No caso de cidades maiores, os limites entre os bairros são desenhados mediante a instalação de parques, ruas e redes de transporte<sup>12</sup>.

Essa relação centro-limite pode ser observada na Figura 1, na qual está ilustrada uma determinada cidade com bairros bem definidos, cada um possuindo seus limites e áreas centrais. Na Figura 2, aproximado, verifica-se que o tempo levado para cruzar o centro de cada bairro até seu limite leva cinco minutos a pé (isso corresponde, aproximadamente, a uma distância de 500 m). Nesse raio estariam inseridos todos os serviços e equipamentos básicos para população, tais como: saúde, escola, mercado, comércio, habitação, dentre outros. Esse bairro estaria ligado a um centro maior com atividades mais especializadas, ambos conectados por transporte coletivo. Este adquire relevância na relação existente entre os diferentes bairros e é planejado conforme a definição de estações de parada de ônibus ou trem próximos de áreas centrais.

As diversas moradias estariam organizadas a uma distância de três minutos a pé das áreas centrais e dos equipamentos públicos e de lazer. Duany e Zyberk<sup>13</sup> acreditam que uma diversidade:

*“inclue uma gama de tipos de moradia, voltadas para uma variedade de níveis de renda, desde o rico empresário até a professora e o jardineiro. As áreas de subúrbio, onde são comuns os processos de segregação pelos níveis de renda, não proporcionam uma maior gama social. O verdadeiro bairro, entretanto, oferece uma variedade de escolhas no acesso a moradia: apartamentos com garagens ao lado de residências unifamiliares, apartamentos acima e nas adjacências de lojas e locais de trabalho.”<sup>14</sup>*

(14) “[...] includes a range of housing types for a variety of incomes, from the wealthy business owner to the school teacher and the gardener. Suburban areas, which are most commonly segregated by income, do not provide for the full range of society. The true neighborhood, however, offers a variety of affordable housing choices, garage apartments buildings adjacent to shopping and workplaces.”

No TND, esses locais se conectam por um sistema viário padronizado em *grid*, um modelo bem recorrente nos planos urbanísticos das cidades anteriores aos subúrbios, vindo a substituir o padrão *cul-de-sac*. Para Duany e Zyberk, esse ordenamento viário em *grid* pressupõe a existência contínua de cruzamentos e esquinas, o que desfavorece os fluxos rápidos de automóveis e amplia a variedade de caminhos e trajetórias a serem realizadas a pé ou de bicicleta. Esse sistema é configurado para viabilizar rotas menores aos pedestres e manter o tráfego local afastado das rodovias de interligação regional. Ambos argumentam que o uso combinado do sistema viário com o zoneamento misto permite produzir comunidades voltadas para o pedestre, viabilizando a realização de suas atividades cotidianas em espaços relativamente curtos e em menos tempo (BRESSI, 1994; EPPLI e TU, 1999). Em particular ao zoneamento misto, sua utilização busca, justamente, viabilizar a coexistência e a inter-relação entre os membros da comunidade na qual é essencialmente importante uma diversidade de tipos de edificação e atividades: compras, escritórios, escola, recreação, residências, etc. Ao contrário do pensamento modernista, em que essas funções são pensadas de maneira compartimentada, no TND esses usos se articulam mutuamente em distâncias curtas. A proximidade com as destinações diárias, das quais desfavorecem o uso do carro, reduz o número e o tempo das viagens que se estabelecem dentro do bairro ou da cidade, evita uma carga de energia e estresse despendido em tráfegos e minimiza os gastos com grandes obras viárias (DUANY; ZYBERK, 1994).

Igualmente ganha espaço na escala, no bairro, os denominados *districts* ou setores, locais associados ao desenvolvimento de atividades especializadas. Isso se refere a áreas que não abrigam um grau diversificado de serviços, podendo, inclusive, abrigar zonas com funções únicas. Os setores se constituem como campos que polarizam atividades predominantes, como aquelas destinadas ao exercício do lazer (setores que abrangem teatros, cinemas, bares e restaurantes, por exemplo), da educação (campus universitários) e do turismo (setor de hotéis, pousadas, agências, etc.). A função do setor para a comunidade é receber alguns tipos de usos específicos, que não necessitariam estar organizados nos locais de moradia, trabalho ou lazer cotidianos. Esses setores podem se localizar entre os bairros, como limites, além do que podem se organizar em seu interior, de acordo com as especificidades e os objetivos buscados na definição de cada bairro (DUANY; ZYBERK, 1994).

Como outra componente básica do TND, o corredor é a unidade de conexão entre os bairros, setores e cidades. Além de ser um elemento de conexão, o corredor separa essas diferentes áreas, localizando-se em suas adjacências e também em seu interior. Logo, é preciso diferenciar que os corredores não representam as ruas locais; ao contrário, seu papel é primordialmente de conexão

entre as diferentes escalas, funcionam em redes de transportes e mobilidade para distâncias maiores. Os corredores podem ser estradas, ferrovias, bulevares e, dependendo da cidade, até hidrovias. Na verdade, aqueles podem agir em conjunto, quando ferrovias são alocadas em vias de acesso aos bairros.

Portanto, essa organização do TND refletiria os objetivos do *new urbanism* para a cidade. Nessa escala, a existência de uma centralidade maior abrangeria atividades econômicas mais especializadas, nas quais não implicaria uma forte polarização dos fluxos intra-urbanos, que estariam restritos aos bairros.

## AS CONTRAPOSIÇÕES

A difusão do TND e, posteriormente, do CNU<sup>15</sup>, se, de um lado, tem conseguido atrair mais adeptos e alcançar outros territórios, de outro lado tem sofrido incisivas críticas no campo acadêmico. Fernando Lara (2001) atesta que, já no primeiro CNU, Michael Sorkin apresentou dez advertências relativas aos projetos. Em suma, Sorkin reitera que o *new urbanism* necessitaria debater mais seriamente a questão da diversidade e procurar ampliar suas propostas, de modo a atingir um número cada vez maior de habitantes, atentando-se, também, ao forte apego estético inserido nos projetos, preocupação primária ante os princípios tão propalados de diversidade e mobilidade. O que Sorkin conclamou durante o CNU buscava chamar a atenção para alguns cuidados fundamentais na elaboração de novos projetos, virtualmente associados a inversões de prioridades.

Em consonância aos ceticismos ligados às comunidades tradicionais, David Harvey, em seu artigo intitulado “The New Urbanism and the Communitarian Trap” (O Novo Urbanismo e a Armadilha Comunitária), complementa que as ruas e os lugares públicos são significativamente importantes enquanto arenas de socialização; porém, enfatiza que o *new urbanism* pouco tem propiciado para a formação dessas comunidades. A crítica de Harvey enfoca que estas, tão propaladas pelos urbanistas do modelo, assentam-se na crença que princípios de reconfiguração espacial podem fundar uma nova ordem moral e cívica, ou de qualidades arquitetônicas e urbanísticas poderem, de fato, incrementar a vida social, política e econômica das cidades norte-americanas (HARVEY, 1997). O autor reitera que, assim como a matriz modernista, alvo de críticas contundentes do próprio *new urbanism*, existe um hábito persistente em privilegiar as formas espaciais sobre os processos sociais, nos quais “a conexão entre as formas espaciais e os processos sociais são realizadas através da relação entre o design arquitetônico e uma certa ideologia de comunidade” (HARVEY, 1997). Paralelamente, Peter Marcuse acrescenta que, antes de trazer um ambiente de heterogeneidade e diversidade, o *new urbanism* expressa outro de relativa homogeneidade, em que a imagem idealizada de uma cidade passada guarda, essencialmente, um conteúdo antidemocrático e antiurbano. Acompanhando a crítica de Harvey, cujo enfoque procura desmistificar o senso de comunidade, Marcuse sublinha a debilidade dos empreendimentos do *new urbanism* em alcançar uma cidade efetivamente diversa. Convém, nesse momento, abordar o estudo de caso da aplicação do modelo no Brasil, como forma de estabelecer um conhecimento mais próximo acerca de seu arcabouço ideológico e do conteúdo crítico que o tem cercado nos Estados Unidos.

(15) *Congress for the new urbanism* (CNU). É a partir do primeiro CNU que o *new urbanism* se institucionaliza como uma nova abordagem em planejamento urbano.

## A INTERVENÇÃO NO BRASIL: A CIDADE PEDRA BRANCA

Não existe um número exato de intervenções do *new urbanism* no Brasil. Segundo o *site* do Congress for the New Urbanism e do Duany & Plater Zyberk Company, as duas únicas estão no empreendimento Pedra Branca em Palhoça e no bairro Santa Paula, em Campinas.

No Pedra Branca, quando é lançada, a intervenção nos moldes do *new urbanism* passa a alicerçar-se no que, posteriormente, foi chamado de “decálogo”, ou nos dez princípios para a Pedra Branca: 1) morar, trabalhar, estudar e divertir-se em um mesmo lugar; 2) prioridade ao pedestre; 3) uso misto e complementariedade; 4) diversidade de moradores; 5) senso de comunidade; 6) densidade equilibrada; 7) sustentabilidade e alta *performance* do ambiente construído; 8) espaços públicos atraentes e seguros; 9) harmonia entre natureza e amenidades urbanas; 10) conectividade e integração regional. Esse decálogo de princípios resume o modelo de intervenção buscada pela administração. Convém tecermos alguns comentários à luz do que será concretizado a partir dos mesmos, apontando também aspectos os quais vão ao encontro da proposta deste artigo, o que significa atentarmos para limitações imbricadas à utilização de alguns princípios.

Conforme o decálogo aparece de início, a condição do morar, trabalhar, estudar e divertir-se em um mesmo lugar, o que implica no terceiro princípio, o zoneamento misto. Este seria aplicado nas 20 quadras projetadas para formar o setor central, todas aglomeradas em torno de uma praça e limitadas por um sistema viário principal<sup>16</sup>. Desse modo, cada quadra foi projetada para abrigar prédios com até 12 pavimentos, nos quais se distribuiriam unidades residenciais e comerciais. De acordo com entrevista a um dos responsáveis pelo projeto das quadras n. 7 e 20, o conjunto das edificações terá áreas comerciais no térreo, escritórios nos dois primeiros pavimentos e residências nos outros mais superiores. Nas quadras n. 8 e 17, por exemplo, os prédios serão predominantemente residenciais, com funções comerciais restritas ao térreo. A despeito das distinções existentes entre as quadras, um padrão geral que se observa no projeto relaciona-se, primeiramente, aos pavimentos térreos, que, apenas em cinco quadras não apresentam utilização comercial. Da mesma maneira, a maior parte apresenta, em seu miolo, pátios internos, uma característica essencial na quadra de um TND, conforme comentado anteriormente. Esses miolos são reservados para atividades de lazer e representam cerca de 25% da área total das quadras.

A condição do morar, trabalhar, estudar e divertir-se, no mesmo lugar, exprime, antes de tudo, a inversão de valores que o *new urbanism* trouxe em detrimento do estilo modernista. É incluindo as palavras “no mesmo lugar” que os empreendedores refutam a condição do morar, trabalhar, circular e cultivar o corpo e o espírito exposto por Le Corbusier, reforçando, talvez, a maior diferença trazida pelo modelo *new urbanista* em relação ao modernismo. A mistura de funções ganha importância fundamental para o *new urbanism* porque a mesma influi para o senso de comunidade, fomentando o retorno das pessoas à rua. O que precisa ficar claro é que, quando falamos sobre o TND, expomos que o planejamento de bairros multifuncionais restringem os fluxos para outros setores da cidade, especialmente àqueles vinculados a atividades menos especializadas, não encontradas em zonas mais centrais. Embora abriguem um número x de

(16) É preciso, nesse ponto, resolver um problema de definição, dado o que já vínhamos tratando no capítulo anterior, sobre as escalas do bairro, quadra, setor, etc. Poderíamos definir o setor central do Pedra Branca simplesmente como um bairro (como bairro central, por exemplo), tendo em vista a perspectiva futura da administração – de levantar, no local, 20 quadras aglomeradas em torno de uma praça central. Esse centro, em conjunto com um limite formado por ruas principais e as quadras, definem um aspecto geral de um TND, de um bairro. Por outro lado, não podemos esquecer que o empreendimento como um todo já é considerado um bairro, de acordo com a Lei n. 1470/2002. Dessa forma, para não haver confusão, o “Pedra Branca” é o bairro, já o “Pedra Branca – novo urbanismo” se restringe a um setor específico, um setor central.

moradores com empregos próximos à residência, esses bairros terão também um contingente y que se desloca diariamente para outros bairros ou para o centro principal mediante corredores de transporte. Em tese, essa formação de um TND é a mais apropriada, porém, na maioria dos casos, sempre haverá moradores que precisem se deslocar diariamente para locais ainda mais longínquos. A verdade é que as dinâmicas urbanas são complexas demais para serem analisadas apenas na relação entre distribuição de residência e empregos. Em particular, o que o *new urbanism* faz é reforçar um mecanismo que induz, no decorrer do tempo, à restrição de fluxos cotidianos longos, tornando-os os menores possíveis. Os fluxos cotidianos, entendidos aqui como o conjunto das mobilidades individuais realizados dentro da cidade, são aspectos fundamentais para o entendimento desse modelo, sobretudo na escala regional.

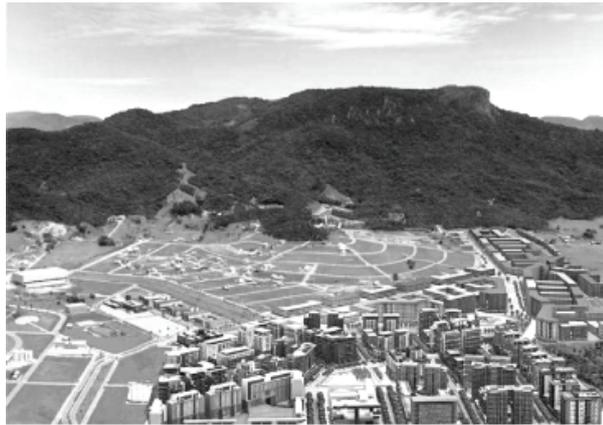
Em seguida, é necessário ressaltar o princípio acerca do senso de comunidade. O discurso de promoção do senso de comunidade é acompanhado pelo desestímulo à cultura do carro, ao favorecimento da densidade urbana, ao incentivo dos trajetos feitos a pé ou de bicicleta, ao fortalecimento de uma base pública e ao encorajamento à integração de pessoas. O senso de comunidade se articula com praticamente todos os outros princípios, como a prioridade ao pedestre, o uso misto, os espaços públicos atraentes e seguros, a densidade equilibrada e os demais, tornando-se um eixo que baseia a intervenção proposta no setor central. Vejamos, por exemplo, o princípio referente à prioridade ao pedestre, aqui entendido como a possibilidade de o pedestre exercer suas atividades cotidianas sem a dependência do carro, mesmo no caso de deslocamentos mais longos, nos quais se supõe a existência de corredores de transporte público. Também, a prioridade ao pedestre expressa a maneira de como se insere o carro no planejamento. Como visto no capítulo anterior, algumas mudanças no desenho de calçadas e ruas exerce influência na relação pedestre-automóvel, sendo conveniente citar, por exemplo, o aumento da largura das calçadas e diminuição da largura das ruas, a existência de balizas de proteção e de faixa exclusiva para transporte coletivo<sup>17</sup> e o mobiliário urbano. No caso do Pedra Branca essas medidas foram incorporadas no projeto, com exceção do corredor de transporte. As mesmas têm por objetivo fazer com que a velocidade média dos carros não ultrapasse 30 km/h e o pedestre tenha maiores possibilidades de locomoção nas calçadas, em companhia de um completo sistema de infra-estrutura e paisagismo. Em consonância, o princípio da densidade aparece como condição fundamental. No TND a densidade é a expressão do sentimento anti-subúrbio, no sentido de planejar a cidade preservando áreas não-edificadas e possibilitar trajetos em distâncias menores. A organização de um TND em um espaço compacto, mas que, ao mesmo tempo, abrigue centralidades e um conteúdo urbano efetivo, depende da verticalização. Somente com prédios pode haver uma diversidade de moradias substancial e uma população suficiente para gerar um espaço dinâmico, nos quais os trajetos sejam adequadamente realizados sem o carro. Essa densidade foi pensada na relação entre o número de unidades a serem comercializadas e o número de habitantes que os empreendedores concluíram serem necessários para favorecer a alta urbanidade do local. Nesse aspecto a projeção esperada é de 600 a 800 habitantes por hectare, preenchendo, assim, o cenário de, aproximadamente, 30 mil habitantes em dez anos.

(17) No capítulo 2 observamos que essa faixa corresponde aos corredores e podem ser ônibus ou trens.

(18) Apartamentos com espaços internos compartilhados, isto é, não existe uma compartimentação entre cômodos.

Com relação à diversidade, o quarto princípio, convém afirmar que essa abrange o princípio do *new urbanism* de integração entre diversas classes sociais. Para isso, o projeto viabilizou tipologias residenciais diversificadas, cujos valores ainda não se definiram. Em entrevista, o diretor da Pedra Branca Ltda estuda a possibilidade de lançar unidades habitacionais com valores mínimos de 150 mil reais, aproximadamente. A variação entre esse valor e outros que ultrapassam um milhão de reais ocorreria mediante uma diversidade de moradias: apartamentos comuns de um a quatro dormitórios, duplex, *lofts*<sup>18</sup>, etc. Não há como negar que a questão sobre a diversidade de moradores, mesmo nas intervenções realizadas nos EUA, suscitam críticas e controvérsias. Tal diversidade é incentivada, especialmente, pela provisão de unidades habitacionais diversificadas em valor e tamanho, apresentando um padrão construtivo mínimo de moradia, o qual, de certa forma, inviabiliza, no plano socioeconômico, as classes mais pobres serem incluídas na dinâmica de um TND. Conforme verificado por Eppli e Tu (1999) sobre o caso de Kentlands, verificou-se, nesse condado, que os valores mínimos de uma moradia somente são cobertos por habitantes de classe média. Nos próprios textos referentes ao movimento, a questão da diversidade inclui uma ampla interação entre diversas classes sociais, criando um senso de comunidade efetivo e pautado no estabelecimento de espaços públicos e institucionais que incentivam o encontro de classes diferentes. No Pedra Branca, a variedade buscada é, justamente, oferecer moradias para as classes média, média alta e alta, como atesta o próprio diretor em entrevista, o que não exclui a diversidade de moradores, mas elucida um princípio altamente vago. No empreendimento ainda encontra-se outra imposição no que se refere ao que já está edificado. Isso se refere a residências de alto padrão, em sua maioria, que, em conjunto com outras de padrão similar construídas no setor central, podem engendrar um predomínio sobre moradias voltadas para classe média. Esse parece ser um indicativo importante no que tange ao princípio de diversidade de moradores, apontando para um processo mais homogêneo do que diverso.

Por fim, vale destacar o princípio que trata da sustentabilidade e da alta *performance* do ambiente construído, um componente que tem atraído as atenções do grupo de empreendedores antes mesmo da incorporação do *new urbanism*. Dessa forma, todos os prédios levantados no setor central passarão a incorporar estratégias de menor impactação ambiental, o que implicará em técnicas arquitetônicas de orientação, uso da ventilação, iluminação natural, forma de utilização dos recursos hídricos, consideração de propriedades térmicas de componentes como janela, parede e coberturas, dentre outras. Não é intenção deste trabalho entrar nos detalhes técnicos, mas sim clarificar que o significado de “sustentabilidade e alta *performance* do ambiente construído” remete, justamente, ao modo como os futuros prédios serão construídos e a mecanismos que resultam no melhor aproveitamento dos recursos naturais, tanto na manutenção da estrutura quanto na utilização dos moradores que ali passarem a residir. Citamos, como exemplo, a drenagem pluvial, na qual as técnicas de engenharia procuraram reter ao máximo a vazão de água da chuva, inviabilizando que a mesma escoe para galerias de esgoto e permita seu armazenamento, de modo a utilizá-la em serviços de jardinagem e limpeza. Um dos profissionais entrevistados para esta pesquisa relatou serem quase inexistentes as certificações LEED em Santa Catarina e o Pedra Branca foi o empreendimento pioneiro nesse



Figuras 3 e 4: Perspectiva do futuro setor central

Fontes: *Cidade Pedra Branca*. Disponível em: <http://www.cidadepedrabranca.com.br/Apresentar.pdf>. Acesso em: 05 ago. 2010

tipo de investimento. Embora alguns anos de contato com o *new urbanism* tenham reforçado suas idéias ao conjunto de empreendedores, o que se verificou, todavia, em entrevistas e visitas ao empreendimento, é que essa visão sobre a sustentabilidade vem adquirindo função crucial no que tange às perspectivas empresariais, sendo um fator altamente explorado pelos instrumentos de marketing e publicidade. É sob um discurso da difusão do “urbanismo sustentável” que os empreendedores esbarram em certa confusão com os princípios do próprio *new urbanism*, não os negando, pois o movimento propaga a importância de prédios verdes, mas destacando os mesmos de maneira a “ofuscar” outros princípios essenciais.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo em vista o modelo de intervenção do Pedra Branca, convém realizarmos algumas discussões atreladas às questões iniciais deste trabalho: Qual a validade do *new urbanism* para as idéias em planejamento urbano? Como o Empreendimento Pedra Branca se apropria de seus princípios?

A princípio, a análise exige duas visões distintas de como podemos observar o *new urbanism*: a primeira visão enfoca o modelo enquanto mais uma abordagem em planejamento urbano, tendo em mente apenas seu conteúdo ideológico. A segunda implica, essencialmente, na aplicação prática do mesmo, quando tais idéias se integram a inúmeros escritórios de urbanismo nos EUA até sua respectiva institucionalização.

Nesse momento, se nos restringirmos apenas ao primeiro modo, veremos uma conjunção de princípios estruturados em diferentes escalas de intervenção a elucidarem a importância e a valorização, por exemplo, de espaços públicos, zoneamento misto, centralidades urbanas, transporte público, etc. No plano do discurso e da ideologia, o modelo reforça algumas diretrizes interessantes que podem induzir na diminuição da poluição, dos congestionamentos, do estresse coletivo e nos gastos de energia e tempo. Esses são pontos que, de certa forma,

dão relevância ao *new urbanism*, por reforçar demandas lacunares nos espaços urbanos. E só. Dentre a gama de princípios que o compõem, apenas alguns apresentam maior aplicabilidade, alguns já mencionados acima. Outros denotam aspectos vagos, sobretudo no Brasil, como a diversidade de moradores e habitações em determinado bairro e a busca por identidade local conduzida pelo senso de comunidade.

Da mesma forma, ao longo de algumas décadas de experiências pelos EUA, as intervenções do *new urbanism* não assinalam uma aproximação entre o plano ideológico e uma aplicação prática a qual contemple princípios de escala regional e metropolitana. Segundo alguns veículos de difusão do ideário, assim como por escritórios de arquitetura credenciados ao CNU, variados projetos nos Estados Unidos têm orientado obras de reconstrução e restauração de setores metropolitanos específicos, especialmente nos subúrbios, mas também nas cidades-base, cujo alicerce principal era trazer à tona a importância dos TND's. Contudo, dentre a gama de projetos, os mais difundidos e conhecidos não implicam em planos integrados ou de abrangência metropolitana, ao contrário, funcionam como excelentes opções de produto para o setor imobiliário e turístico norte-americano, conforme verificado com *Seaside* e *Celebration*, em que o *new urbanism* serviu como fator incorporador de valor ao proporcionar o discurso de comunidades pequenas, eficientes e sustentáveis.

Alex Krieger (1998, p. 2), em seu artigo "Whose Urbanism" (Urbanismo de quem?), questiona, veementemente, o discurso que tem acompanhado o *new urbanism*. Os argumentos de Krieger apontam para um amplo descompasso existente entre as repercussões e as realizações efetivas do modelo nos Estados Unidos, enfatizando o quanto o mesmo tem se difundido com base em um discurso retórico do "bom urbanismo". Krieger enquadra Duany na categoria de visionários das idéias sobre projetos urbanos, assim como Haussmann, Le Corbusier, Raymond Unwin e outros, reforçando que suas idéias estão encobertas de particularismos. As evidências levantadas por Krieger e traduzidas por Macedo (2007, p. 19) ressaltam que os trabalhos realizados pelo *new urbanism*: favorecem mais o gerenciamento privado de comunidades que propostas para novas formas de administração pública local, geram uma onda determinista, levando a crer que o sentido de comunidade pode ser alcançado apenas pelo projeto e criam enclaves demográficos relativamente homogêneos, sem muita diversificação socioeconômica.

O caso do Empreendimento Pedra Branca não é diferente em relação a outros nos EUA que vêm inspirando críticas. Vale sublinhar a respeito da análise de Harvey, quando o mesmo alerta para os perigos do discurso da identidade. Nesse ponto acompanhamos esse pensamento, uma crítica direcionada ao movimento em si, especialmente pelo fato de creditar-se às formas urbanas, ao desenho ou ao apego às funções estéticas uma condição prioritária. No caso do Pedra Branca, isso seria buscado mediante o conceito de prédios verdes, necessário para se construir a "a primeira e única 'cidade sustentável' ", como é enfatizado pela mídia local. Aqui, o problema não está na estética, e sim na compreensão de como as formas podem auxiliar na promoção da comunidade ou na aproximação de personagens externos e diferentes.

Outros casos característicos de empreendimentos desse porte apontam para um emuralhamento do tecido urbano, no qual as ditas comunidades

almejam identidades não apenas no campo do planejamento e da arquitetura, mas também no campo social. Ficamos impossibilitados de fazer qualquer conclusão no que se refere ao setor central, uma vez que o mesmo não está edificado; porém, podemos atestar que, de acordo com as atuais áreas já consolidadas, as relações estabelecidas entre o empreendimento e os agentes externos são, predominantemente, de trabalho e estudo. Isso significa funcionários de lojas e indústrias, empregadas domésticas e estudantes da Unisul. O comércio atual ainda é incipiente e tipicamente de bairro (mercado, farmácia, papelaria, lojas de vendas do Pedra Branca, para citar os principais), não atraindo um grande número de consumidores que não sejam moradores do próprio local. Embora o Pedra Branca surja com conceito de bairro, e, por isso mesmo, não possuindo guaritas ou muros, verifica-se que a administração não se descola das preocupações similares à de condomínios fechados comuns, criando rondas diárias de segurança e espalhando câmeras de vigilância. Por isso mesmo e por possibilitar um acesso diferenciado a serviços de infraestrutura e áreas de lazer, o Pedra Branca, se não é um condomínio murado, compartilha das mesmas preocupações e finalidades. Essa passagem serve apenas para retomar que existe uma tendência em não se estabelecer o dito senso de comunidade, em que pesem a aproximação de habitantes de bairros do entorno.

Desse modo, o que se demonstra com o projeto do Pedra Branca é, sobretudo, uma intensificação de um processo de auto-segregação socioespacial, no qual a existência de uma comunidade, no sentido exposto pelo *new urbanism*, ainda demanda maior diversificação econômica e social e a existência de uma classe média. O que se observa em Palhoça, porém, são díspares e muito bem definidos estratos sociais, em que convivem, lado a lado, uma emergente classe empresarial e política e muitos bairros onde se assentam populações pobres, em alguns casos extremamente pobres.

Assim, a análise acerca do Pedra Branca vem para fortalecer o conteúdo crítico em direção ao *new urbanism*, referente à ausência de questões ligadas à lógica de mercado no espaço urbano, no qual formas espaciais prevalecem sobre os processos sociais, como expõe Harvey. O que se verifica é a reprodução continuada e inconsistente do discurso da “democracia urbana” e da diversidade, sem se ater para a lógica de produção do espaço urbano capitalista, isto é, auto-segregatória de natureza. Nesse sentido, a partir de um rótulo que promulga a diversidade, o Pedra Branca tende a promover-se no mercado imobiliário, mesmo considerando que tal diversidade se dissipa sob uma majoritária homogeneidade socioespacial, tanto pelos atributos relativos à renda das famílias e à tipologia dos imóveis a serem disponíveis quanto pela diferenciação no acesso aos equipamentos urbanos.

A contradição entre os componentes conceituais constituídos no bojo dos princípios e a base empírica do movimento se revela na proliferação de planos eminentemente pontuais e associados a interesses privados. Já no primeiro CNU, Michael Sorkin apresentou dez advertências relativas aos projetos, reiterando que o *new urbanism* necessitaria debater mais seriamente a questão da diversidade, atentando-se também ao forte apego estético inserido nos projetos. A postura contundente dos críticos apenas constata as preocupações de Sorkin em meio às discussões no CNU.

## BIBLIOGRAFIA

BRESSI, Todd W. Planning the American Dream. In: KATZ, Peter. *The new urbanism – Toward an architecture of community*. Nova York: McGraw Hill Inc., 1994.

CIDADE UNIVERSITÁRIA PEDRA BRANCA. *Histórico – Ontem e hoje*. Disponível em: [www.cidadepedrabranca.com.br](http://www.cidadepedrabranca.com.br). Acesso em: 21/01/2009.

\_\_\_\_\_. *Urbanismo sustentável – Novo urbanismo*. Disponível em: [www.cidadepedrabranca.com.br](http://www.cidadepedrabranca.com.br). Acesso em: 21/01/2009.

\_\_\_\_\_. *Urbanismo sustentável – O empreendimento*. Disponível em: [www.cidadepedrabranca.com.br](http://www.cidadepedrabranca.com.br). Acesso em: 22/01/2009.

\_\_\_\_\_. *Central de informações*. Disponível em: [www.cidadepedrabranca.com.br](http://www.cidadepedrabranca.com.br). Acesso em: 22/01/2009.

\_\_\_\_\_. *Uma cidade aos seus pés*. Disponível em: [www.cidadepedrabranca.com.br](http://www.cidadepedrabranca.com.br). Acesso em: 23/01/2009.

DUANY, Andrés; ZYBERK, Elizabeth Plater. The neighborhood, the district and the corridor. In: KATZ, Peter. *The new urbanism – Toward an architecture of community*. Nova York: McGraw Hill Inc., 1994.

EPPLI, Mark J; TU, Charles C. *Valuing new urbanism: The case of Kentlands*. *Real estate economics*, Richmond, v. 27, p. 425-451, 1999.

JACOBS, Jane. *Morte e vida de grandes cidades*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

HARVEY, David. The new urbanism and the communitarian trap. Harvard. *Design Magazine*, winter/spring, n. 1, 2001. Disponível em: [www.gsd.harvard.edu/research/publications/hdm/back/1harvey.pdf](http://www.gsd.harvard.edu/research/publications/hdm/back/1harvey.pdf). Acesso em: 30/05/2008.

KRIEGER, Alex. Whose urbanism? *Architecture*, nov. 1998. Disponível em: [www.gsd.harvard.edu/people/faculty/krieger/articles/whoseurbanism.pdf](http://www.gsd.harvard.edu/people/faculty/krieger/articles/whoseurbanism.pdf). Acesso em: 15/07/2010.

LARA, Fernando. Admirável urbanismo novo. *Arquitextos*, n. 56, fev. 2001. Portal Vitruvius, Disponível em: [www.vitruvius.com.br/arquitextos/arq000/esp056.asp](http://www.vitruvius.com.br/arquitextos/arq000/esp056.asp). Acesso em: 13/05/2008.

MACEDO, Adilson Costa. *A carta do novo urbanismo norte-americano*. São Paulo: Integração, ano XIII, n. 48, p. 11-21, 2007.

MARCUSE, Peter. *The new urbanism: The dangers so far*. DISP 140, 2000, p. 4-6. Disponível em: [www.nsl.ethz.ch/index.php/en/content/download/320/1971/file/](http://www.nsl.ethz.ch/index.php/en/content/download/320/1971/file/). Acesso em: 10/10/2008.

MUSCHAMP, Herbert. Can new urbanism find room for the old? *The New York Times*, 02 jun. 1996. Disponível em: <http://query.nytimes.com/gst/fullpage.html?res=9E05E6D71E39F931A35755C0A960958260&scp=1&sq=MUSCHAMP,%20Herbert%20can%20new%20urbanism%20find%20>. Acesso em: 02/08/2010.

PEREIRA, Elson Manoel. *Urbanidade e sustentabilidade de espaços públicos*. In: X ENCONTRO NACIONAL DA ANPUR, 2003, Belo Horizonte. Anais... Belo Horizonte: Anpur, 2003.

SUERTEGARAY, Dirce M. Espaço geográfico uno e múltiplo. *Revista Eletrônica de Geografia y Ciencias Sociales*, Barcelona, Universidade de Barcelona, n. 93, 2001. Disponível em: <http://www.ub.es/geocrit/sn-93.htm>. Acesso em: 25/09/2008.

TALLEN, Emily. *Urbanism in America: Ideals, connections and conflicts*. Chicago: University of Illinois/ Urbana-Champaign, 2003.

TAHCHIEVA, Galina. Entrevista com Galina Tahchieva. *Revista de Pesquisa em Arquitetura e Urbanismo*, São Carlos: EESC-USP, n. 2, p. 108-110, 2005.

**Nota do autor**

Artigo originário de trabalho de dissertação de mestrado no Departamento de Geografia da UFSC, sob orientação do Prof. Dr. Elson Manoel Pereira.

**Nota do Editor**

Data de submissão: abril 2010

Aprovação: agosto 2010

---

**Fernando Pinto Ribeiro**

Geógrafo e mestre em Desenvolvimento Regional e Urbano – CFH – UFSC, doutorando em Planejamento Urbano e Regional – FAUUSP.

Rua Luis Carlos Gentile de Laet, 1.518, casa 56. Vila Rosa

02378-000 – São Paulo, SP

(11) 2972-2224

nandopribeiro@usp.br